

# **A DESCONSTRUÇÃO DO VAZIO**

Diário de leitura da obra Máquina Royal, de Pompeu M. Martins

por Carlos Vaz

## **início dos dias**

chegou pelo correio a obra *Maquina Royal*, um livro que comecei a ler ainda antes de entrar em casa. Abri meticulosamente o envelope, e retirei a obra cuja imagem ilustrava de imediato o título, uma máquina íntima de escrever. Do envelope não conto o destino, só a obra preencheu a sala onde sistematicamente me dou à leitura.

Sentado no sofá, com o livro ainda fechado à minha frente, visualizei a Máquina como se realmente estivesse ali numa secretária, correctamente disposta a escrever os dias que estavam para ser lidos.

Entrei no diário pelo mês Setembro, mas no pacto de leitura com o correr dos dias, facilmente descobri que o nome de diário é, afinal de contas, um palco cuja cena tomara tudo menos o quotidiano diarístico íntimo do autor. Logo à partida, os primeiros textos evidenciaram uma relação peculiar do *Eu* com o universo, e ao dar-me conta disso recordei Milan Kundera ao apelidar de «grafomania» o desejo dos escritores procurarem a autobiografia como forma de deixarem a sua existência no mundo. Não uma existência íntima de estar nele, porque na verdade o diário não é o espelho da vida íntima<sup>1</sup>.

As primeiras páginas de *Maquina Royal* aplicaram de imediato o tal pacto de leitura com o seu autor. A paratextualidade, que nos remete para o diário, depressa é suprimida no início dos dias. Em vez de intimidade, vemos uma forma construtiva, mas crítica, que se prepara para denunciar o

---

<sup>1</sup> a vida íntima é a vida que ocorre na “casa da gente” (segundo Clarice Lispector).

caos que vai no mundo. Desconstruir o vazio no início dos dias, mais do que uma denúncia é um pacto do leitor com o preenchimento gráfico do vazio que ocupa o quotidiano

## **dia 1**

escrevi, ontem, sobre o estranho pacto que implica ler a *Máquina*.

Na conta-corrente explicitamente demonstrada pelo balanço de cada fragmento, percebi a desordem dos dias na falta de uma “geografia de afectos” capaz de dar sentido e unir o que está vazio de conteúdo, por isso, a cada dia que passa, por vez do vazio gerado pelo estado caótico do mundo, cria-se antes um universo de afectos. Com o balanço do caos dos dias, e conforme fui entrando pela corrente dos meses, descobri um pacto meticuloso, ora através dos diálogos do indivíduo com a sua alteridade, ora nos devaneios confessionais, etc. Procurei, na mesma estante onde guardo *Máquina Royal*, o livro *Le Journal Intime*, de Béatrice Didier, segundo ela: o género diarístico tem a sua origem na era moderna do capitalismo, e nele sobressaem três factores históricos: o cristianismo (nas confissões como um exame de consciência), o individualismo (o sentido do eu no caos gerado pelo mundo) e o capitalismo (um balanço ou um livro de contas). Em cada espaço de fragmentação narrativa, *Máquina Royal* absorve de uma forma *sui generis* estes três factores históricos.

Ao fim de alguns textos lidos, facilmente perscrutei o acto de confissão do *Eu* pompeano. Há uma postura de incomodo e um desaire generalizado pelo quotidiano em seu redor que se entrega a uma espécie de ditadura dos prazeres numa democracia, cada vez mais, globalizada. Num dos seus diálogos fascinantes dentro da própria confissão, o *Eu* redime-se num exame de consciência de apelo ao seu interlocutor. Perante o vazio da

memória gerado pelos prazeres, o diário põe ao dispor a geografia de sentimentos e de afectos por ele dispersos. Para além disso, funciona como pequenos fragmentos de amor, uma geografia: “absurdamente composta pelo *eu* que depositamos no outro”.

Perante um mundo em queda e sem salvação, resta ao sujeito do diário uma última embarcação para se poder salvar, através do espaço textual dos dias. Nele se confessa, expondo as suas preocupações com o incompreensível real que o circunda; nele se interroga, procurando as respostas e soluções capazes de dar algum sentido à sua forma de escrever o universo.

A fragmentação incompreensível do mundo não é o eixo das suas confissões, mas antes a preocupação da sua conta-corrente de que o universo dos afectos vive, à nossa espera, nos desabafos, nas viagens, nos diálogos com o próprio *Eu* que afinal somos todos nós por aceitarmos o pacto de leitura proposto

## **dia 2**

como disse no início destes dias, se há um espaço de intimismo do *Eu* no ensaio “sobre a memória”, ele verifica-se sobretudo na extroversão da vida íntima para um amigo que aqui é a própria alteridade, experimentada através da escrita: “esse eu que alimentámos na distância de um tu infinito e imprevisível, como a vida e a morte”. Noutras vezes, o diário funciona como sucedâneo dum interlocutor real, à falta dele ou por incapacidade dum relacionamento com outrem, transformando-se, assim, o parceiro por excelência do diálogo: “Podiam ser duas personagens, apenas para que não ficasse sozinho esse interminável discurso sobre o que somos nos sentimentos que habitamos”. *Máquina Royal* é, desta forma, a última estância de salvação de os interlocutores se encontrarem para fazer frente a uma ferida secreta, um desacordo com o resto do mundo

**dia 3**

na sucessão da leitura destes textos, há uma entrega de viagem textual. A viagem é um espaço contínuo em *Máquina Royal*. Viajar é uma forma de encontrar novos afectos, novos destinos para um mundo de estabilidade fragmentada. Ao hábito criado pelo pacto de caminhar, andar, passear pelo espaço do diário, compreendi os árabes que chamavam às narrativas de viagem, “histórias de ver e andar”. As histórias da *Máquina* são de facto as de ver e as de andar. Nela estive numa permanente viagem sincrónica com a própria escrita, uma vez que, embora aparentemente fragmentada pela cronologia, os temas textuais repetem-se gerando uma circularidade interpretativa do próprio acto de viajar pelo espaço diegético do *Eu*, viagens desde a infância até à idade adulta por aldeias, praias, jardins, etc. Mas há ainda um outro espaço de viagem, a viagem interior do universo artístico, através de comentários de leituras, reflexões sobre a arte, política, etc., que funcionam como um manual de ideias, posturas de uma autêntica oficina de escrita, dando rumos, sentidos e até lições de vida. Como diz o autor: “não há viagens sem histórias, sem afectos, sem algo que as torne em momentos únicos da nossa passagem.” Assim, o espaço do diário é um contínuo mapa fragmentado de viagens de afecto. Afecto gerado pela circularidade temática do próprio *Eu* que nos interpela, o afecto que tudo une e dá sentido, capaz de enfrentar a razão caótica de estar no mundo.

É verdade que a cronologia típica do diário gera uma descontinuidade, uma espécie de narração fragmentada. E o autor sabe-o, ao confessar que reconhece o seu dever de escrever, apesar da

impermeabilidade fragmentária dos dias. Este aparente caos de textos dispersos, capazes de gerarem a fugacidade até da própria escrita, gera no *Eu* uma cronofobia temporal, digo cronofobia, por o tempo funcionar aqui como uma ampulheta no escorrer dos últimos fios do dizer, quando ainda resta tanto por falar.

Nos textos do diário encontramos dois tempos adversos. O primeiro, o tempo cronológico que une como o fio de Ariadne o labirinto fragmentado de textos, e o segundo o tempo habitado pela grafia do diário, num *continuum* espaço de viagem circular, por uma geografia de afectos, onde: “Estou por dentro de uma forma irregular de habitar o tempo”

#### **dia 4**

escrevi há dias que, na verdade, há também uma falibilidade do critério da pessoa gramatical, ou seja, a primeira pessoa tanto pode ser um *Eu* diarístico como um narrativo, e por vezes falar numa segunda ou terceira pessoa nada mais é do que se despir da modéstia, procurando ter um discurso mais verdadeiro.

A primeira pessoa do diário é uma recriação entre um ser real e uma personagem inventada, já que o *Eu* que escreve “grafia-se” num outro, pois ao escrever-se marca já uma distância com o seu próprio ser. Temos o exemplo de Narciso que quando se vê, vê um outro que é olhado, o sujeito e o objecto que é o verdadeiro centro do desejo.

A importância da alteridade é um factor de um profundo estudo. Nunca, como aqui, encontrei uma percepção, bem como um trabalho tão profundo de estar na alteridade através da escrita, por haver no corpo da viagem textual um constante apelo pelo outro como fuga de fixação do mundo do diarista. A propósito disto, sublinhei o seguinte fragmento, que passo a citar: “Entrar nessa porta diariamente, solitariamente e ser sobretudo o ser imaginado que nunca aí entrou. Ser outro na livre expressão do caminhante, de quem não dorme para que consiga sustentar da vida a sua calma e o seu deslumbramento (...)”

## **dia 5**

face ao caos do mundo, nos passeios poéticos do *Eu* pelo jardim de um “castelo” há o constante apelo às árvores, uma imagem do eixo em que se encontra o leitor e o escritor face ao distúrbio do mundo. As árvores das terras funcionam como símbolos perfeitos do centro do mundo, do *Eu*, uma perspectiva de reunir o que está disperso<sup>2</sup>. E o “castelo” da primeira pessoa diarística é a sua terra natal, que tanto poderá ser a física como a gráfica, a casa “que funciona como casca” que nos abriga do mundo exterior: “Estou no interior dessa casca e ouço tão bem a ressonância do que no exterior habita serenamente o coração atormentado dos outros (...) Um dia, dedicar-te-ei todo o meu tempo. E serei livre”.

Máquina Royal é, de facto, esse tempo dedicado, um tempo que afinal funciona como uma “arma” contra a vulgaridade dos dias. Pompeu escreveu ainda há dias a seguinte passagem no seu «blog»: “A minha máquina é uma arma. A arma com que ando sempre para afugentar o tédio e a vulgaridade e chamar para rente as coisas e as pessoas que são tão belas que jamais morrerão em mim e no meu literário coração”

---

<sup>2</sup> tal como em Miguel Torga o fazia com as árvores da sua aldeia.

## **fim dos dias**

terminei hoje a leitura dos textos diarísticos de Pompeu. Neste diário, mais do que em qualquer outro género literário do autor, a escrita e a leitura revela uma impressionante interação, por aqui o corpo de escrita gerar, incessantemente, o de leitura que gera por sua vez o de escrita. Este movimento de vaivém torna-se, com efeito, uma necessidade vital, já que dele depende a própria sobrevivência do sujeito, que assume por inteiro a equidade possível entre a vida e a escrita. Na verdade conhecemos o sujeito deste diário não por qualquer característica de auto-retrato, mas antes pela sua viagem narrativa, sem rumo certo, pelas verdadeiras coisas capazes de formarem a “geografia de sentimentos” que desconstrói o vazio dos dias.

“Sinto-me cada vez mais uma folha de papel”, confessa-nos o sujeito do diário, talvez por reconhecer que a geografia dos afectos, capazes de ligarem as encruzilhadas e os caminhos de viagem, apenas pactua na alteridade do texto, e este é o verdadeiro pacto de leitura pretendido pela *Máquina Royal*.

Agustina disse uma vez que o escritor tem de ser uma espécie de terrorista, capaz de abalar a sociedade. A *Máquina Royal* é, sem dúvida, a “arma” capaz de desconstruir o vazio dos dias. Graças a esta arma o segredo ficará para sempre guardado no pacto de leitura, pois: “Se os economistas descobrissem que a escassez de emoções é tão superior à de bens de consumo, talvez tudo fosse diferente, talvez tudo fosse pior. O melhor é que se não saiba. Ponto final”